

JORNAL: Tribuna da Imprensa - 10-11-
DATA: 11-10-1953
LOCAL: Guanabara
TÍTULO: Carta Aberta ao Pintor Ivan Serpa
AUTOR: Macedo de Moranda, José Carlos

CARTA ABERTA AO PINTOR IVAN SERPA

Sou como você bem sabe, um pobre rapaz da raça, que, quanto mais vive, no Rio de Janeiro, menos ao Rio de Janeiro se habitua. O convívio de gente ilustre me encabula, e sô circunstâncias incontornáveis me obrigam a procurar cavalheiros sediados em altos planos, no país literário e artístico. Vocês, artistas plásticos, de modo geral e por determinação ^{dos} ~~dos~~ motivos, receberam com carinho e bisonho, recém-chegado de Resende, que vinha com algumas idéias confusas na cabeça, tangido pela burrice conterrânea para estes altos mares de fácil naufrágio e navegação à mercê de escolhas. Não pode também o rapaz ao queixar dos que ~~elegera~~ ^{elegera} futuros colegas, escribas em prosa e verso. Fale dos poucos, dos pouquíssimos que ao rapaz foi dado conhecer. Entretanto, meu bom Ivan, a amizade de alguns artistas foi a causa remota das lamúrias que era ~~me~~ acho afundado, chorando a morte de vinte cinco filhos, os melhores, os mais belos, os que o pai, ente alvoraçado e tímido, ia lançar ao mundo, não como um bando de pombas, para trazer a paz, e sim como um pelotão de arautos, para levar à guerra. A guerra santa, que já se vê, essa que se trava na atmosfera de imponderável e que alguns deleita chamar jogos florais. Esses vinte cinco arautos, esses vinte cinco poemas, Ivan, cinco vezes trezentos e sessenta e cinco dias levei para fazê-los. Fraco em matemática, não me abalanco a apresentar-lhe a média de, digamos gestação de cada um. Imagine, porém, que você levasse igual tempo a pintar, igual número de quadros, que um colega seu, um pintor a qual quisesse bem, inutilizasse e destruisse, depois de zombar de você e magoã-lo e fazê-lo sentir-se desarvorado e desamparado. Naufragaram meus poemas, Ivan. E, como

Íntegra para o livro
Patrícia não precisa copiar

você pode achar que isso não é da sua conta, esta carta é feita para informá-lo de que o naufrágio consumiu também as belíssimas cento e cinquenta ilustrações que você levou meses fazendo para a companhã-los, oferecendo-lhes o amparo de seu nome, tão importante quã simpático, no mundo estranho, talvez hostil, a que iam os vinte e cinco neófitos aventurar-se. Como já fiz constar, sou um moço humilde de Resende, que vive com os pés no asfalto e o coração no sopê de Itatiaia, às margens do Paraíba, fontes de inspiração de todos os poetas idos e vindouros daquele heróico município. Sou um municipal, portanto, e dos de raça, irredutíveis e irremediáveis. Ingênuo sou, portanto, medroso (hoje com razão) de que me passem a perna, me batam a carteira, me vendam bilhete premiado. Ser municipal também significa não aspirar a ilustre. Ilustre não sendo, citado não poderia ser, digamos, na despedida que o Sr. Tiago de Melo fêz estampar, esta semana, em "O Globo", e onde aparecem alguns dos nomes que externam a fina flor da intelectualidade patricia. Outros motivos, entretanto, havia, que poderiam induzir o Sr. Melo a incluir o nome deste varão de Resende, tímido e desajeitado com tal honra e tal glória, mesmo no extremo da fila, depois de menos categorizado dessa hierarquia. Um dos motivos, prezado Ivan, se resume em haver o Sr. Tiago dado sumiço aos meus vinte e cinco filhos, ou poemas, e às seis vezes mais ilustrações que para eles você fêz. Não fale em dinheiro (essa questão repugna ao tímido porêm reto filho das Agulhas Negras), mas fale com imensa tristeza, fale também sem raiva, pois quem pode odiar um poeta, ainda que, Saturno à moderna, tenha devorado os nossos filhos, limitando-se a abandonar os seus nessa moderna roda de expostos que é um taxi demandando o aeroporto? Não Ivan, não se pode odiar um poeta. Mas pode-se, e deve-se, ficar triste, muito triste quando um poeta julga que outro, por desimportante e mínimo, não tenha o direito de chorar seus filhos, com amor igual e igual desesperança. Era o que eu tinha para lhe dizer, Ivan, nes-

tas mal traçadas, que já se tornam longas. Espero, de sua generosidade, que você apenas sinta o esforço inútil e ainda ache um tempinho para lamentar comigo esta desgraça que, se não abalou o mundo, abalou-me a mim, abalou a crença quase cega que eu tinha nos poetas e na lealdade dos poetas uns para com os outros. Se, entretanto, acha que devo compensar seus esforços, Ivan desculpe-me a cruza de que digo e não me queira mal por isso; posso pagar. Não um salário de desprezo nem numa avaliação de que você criou por amizade. Bem sabe que não; pagaria a prestações e, sem grandiloquência, sem o suor do meu rosto. Trata-se, afinal, apenas do seguinte, meu excelente Ivan Serpa: o Paraíba é um rio pequeno (embora a imensidade que lhe emprestamos poemas resendenses), e o Paraíba é um rio despretensioso e envergonhado. Um rio da raça. Mas honesto. Quanto ao Amazonas, Ivan, não sei, nunca fui lá.

Instituto de Arte Contemporânea